

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Diário de São Paulo*

Class.: 05

Data: 12 de Setembro de 1967

Pg.: _____

VILLAS BOAS: UM MARCO NA VIDA DO INDÍO

Texto de JOSÉ MARIA SANTOS

"O Xingu é como visgo. A gente senta, gruda". Orlando Villas Boas fala do Xingu e de seus índios como se os estivesse vendo. A sua frente. Cabelos compridos, um cavanhaque grisalho e olhos vivos, negros e expressivos, ri fácil e malicioso como um caboclo. Aliás, ele é um caboclo. Os vinte e cinco anos de selva queimaram-lhe a pele e o tornaram amante da natureza. "Desde criança, eu, Claudio, Leonardo e Alvaro, gostamos do mato. Era fugir da escola e correr pro mato. Vimos morar em São Paulo e ficamos até aqui (leva a mão ao pescoço) de asfalto e prédio. Quando formaram a expedição Roncador-Xingu, pensei comigo: 'Toca pro Araguaia'. Aventura de moço. Isso em 1943. E sabe que criamos amor pelos índios."

Orlando pára de falar. Os olhos assestados no alto da cabeça. Para ler, ele os abaixa e depois torna a erguê-los. Camisa aberta, calça de lona, vive rodeado de peles de onça, flexas e cerâmica indígena num apartamento da praça Roosevelt. Vem a São Paulo cada cinco meses.

Diz que os índios são muito sensíveis e se abatem com doenças corriqueiras no branco. "Imagine que um resfriado qualquer vira pneumonia em pouco tempo. Vou levar para lá bastante antibiótico". E em tom de segredo e orgulhoso: "Comprei com o dinheiro do meu bolso. Depois a verba do governo cobre. Mas não escreva isso na reportagem". Os índios do Xingu, mais de doze aldeias, são visitados por Orlando. Ele fica no Posto Leonardo, onde há remédios e comunicação com a civilização. Todas as tribos estão vacinadas contra varíola, tomaram BCG e têm um fichário com a fotografia de cada membro. Esse trabalho é da Unidade Sanitária Aérea, que constantemente está sobrevoando a região.

Orlando faz força para não mostrar que está aborrecido em falar do seu trabalho. Considera sua atividade normal. Isto é, um serviço que qualquer um podia fazer. Lá, além de assistente, ele é o corpo diplomático entre as tribos. Vige a partição de brigas. A última, foi entre os txicões e alpos. Ninguém se entendia com os txicões. Ele promoveu um encontro com as demais tribos. Foi o maior, salseiro, que eu já vi. Gritaria, tan-tan-soando, dança de guerra. Mas tudo acabou bem. Hoje eles são amigos.

A VIDA COM CLAUDIO
Claudio, o irmão de quarenta e nove anos (Orlando tem cinquenta e três), mora a trezentos quilômetros abaixo do Posto Leonardo. Um está sempre visitando o outro. Sobem o rio em canoa. Claudio, para avisar que está chegando, dá um assvio imitando macuco. "O Claudio é um danado. Vem me visitar para levar armas. Ele tem uma coleção de revólveres e está sempre dilapidando meu patrimônio. A última que ele levou foi uma beretta do 007 que eu ganhei". Nenhum deles anda armado, no Xingu. Claudio, mais amigo da selva, não quer nem ouvir falar em São Paulo ou qualquer outra cidade grande.

Orlando fala: "Falet com ele há uns vinte dias. Vamos assistir o cuarupe. É uma das festas mais bonitas do nosso índio. Homenagem aos mortos. Eles dançam, cantam e lutam entre si para escolher o campeão. Mas esse ano não puderam comemorar. Não havia nenhum morto para ser homenageado. Há quatro anos que não morre uma criança no Xingu. Precisava ver as caras dos índios. Chegavam chateados pra gente e reclamavam: 'Não morre ninguém, nem velho, nem criança. Que é que vai ser do cuarupe?'"

Levanta-se da poltrona e corre para a cozinha. "Tá saindo o maracujá pra nós?" Vem o refresco de maracujá. "Adoro os tropicos, porque dão maracujá... Fuma bastante. E entre fumacas, destaca que o índio não é nada disso que a gente aprende na escola. "O índio é valioso e atável. Sua atividade é muito grande. Isolado, é um homem triste". Toma folego resmungando "o peito velho está pifando". "Naquela história da base de Cachimbo, os índios queriam apenas ter um contato com os brancos. Logico que ninguém é obrigado a saber o que os índios querem. Mas eles não queriam guerrear. E' impossível querer levar nossa formação e costumes à mentalidade do índio".

Para Orlando, a tentativa de integração do índio à sociedade do branco representaria seu fim. Eles já têm um estado de cultura, estável e semi desenvolvimento é verdade, mas comunitário onde todo mundo é igual. Pra que mudar, então? Devemos dar assistência contra doenças, mas nunca impor uma coisa nossa a eles".

A pergunta sai inevitável: "O que eles esperam do branco, Orlando?" "Capitão Maruare, um carajá, respondeu isso. Olhou-me firme. Seu povo trouxe para o meu uma doença que faz a gente cuspir sangue..."

O VELHO TAMOIN
Orlando está dormindo na rede, no Posto Leonardo. Um indiozinho aproxima-se e puxa-o pelo cabelo: "Acorda Tamoín. O Sol já vem vindo. Ele vira-se: 'Ninguém mais pode dormir nessa casa?' Os índios mais velhos fazem "psiu". Tamoín está dormindo. Deixa ele. Depois vocês brincam". Em tupi, tamoín quer dizer avô e é assim que as crianças o tratam. "Lá eu sou o pai, o avô, o Lando, Landu. O Claudio é o 'Clode'. Os dois irmãos conhecem todas as línguas indígenas da região."

Interrompe a narrativa para atender o telefone. E de uma estação de televisão, convidando-o para participar de um programa. Vira-se para Alvaro, o irmão caçula de quarenta e dois anos: "Vou assim mesmo". "Balança a camisa, esporte aberta. Alvaro fica sério. "Bota um terno, né Orlando". Ele apanha um terno de tergal que comprou no Rio. Chama Lucena, um funcionário do Serviço de Proteção aos Índios. "Terno dos bons. Custou cento e trinta contos", Lucena ri. "Com esse preço, só terno feito em serie. A minha calça sim, que é boa". Orlando atira o terno à distancia. "Vou assim mesmo. O Alvaro é cheio de nove horas. Quando me julgarem pela roupa que visto, me aposento". Villas Boas vibra quando lembra a vida no Xingu. "Sabe que a agricultura do índio é superior ao do nosso caboclo? Existem tribos que têm cada big homem! São saudáveis, aqueles que têm sua roça". Fica triste quando lembra a exploração. "Na zona de garimpo, os índios são explorados. A indústria extrativa também. Vão empurrando o índio para o interior. E depois, quando são atacados ainda vêm reclamar, como se só eles tivessem o direito de viver".

TRATAR DA SAUDE
O trabalho dos irmãos Villas Boas é de atrair os índios para lhes dar medicamentos. Alfabetização, ainda é cedo em razão do estado de cultura dos selvagens. "O método mais usado para atraí-los, é colocar presentes nas trilhas por onde passam. Machados, facões. Mas demorava muito. Resolvemos entrar de chofre nas aldeias. Primeiramente a surpresa os impede de agir. Enquanto isso, a gente vai dando presente... Numa tribo as mulheres traziam água do rio com taquara. Demos panela de alumínio. Conquistamos as mulheres primeiro."

Mas às vezes dá problemas. Villas Boas ri à vontade. "Estou rindo agora, mas quase chorei. A tribo dos catapós nos prendeu. Eu, Claudio e mais dois índios jurunas. As mulheres viviam pedindo aos maridos que fossem buscar presentes com os brancos. Eles sabiam que nós não tínhamos mais nada e caçoavam delas. As mulheres se zangaram e fugiram. Mais de duzentas. Os catapós disseram que se não trouxéssemos as

mulheres de volta seríamos queimados. Comecei a gritar. O Claudio não. Ele é telmoso. Nisso acenderam a fogueira. Parecia filme americano aquilo. Ia morrer tudo. Começou a chover. Os catapós, todos pintados de preto. Um deles, muito assanhado, gritava "bacubin, bacubin". "Mata, mata". Já pensou? E tome chuva e trovão. Eu, botando a boca no mundo. Nisso apareceu uma velha. Foi até ela e agradeceu. Conseguimos trazer as outras mulheres. Elas xingavam muito os maridos. Isso em 1953".

Não resisto a outra pergunta: E a esterilização no Xingu? Como vai o uso da serpentina? Orlando fica elétrico. Pula da cadeira, assanha o cabelo, tenta falar, mas engole as palavras. Tudo sai de uma só vez. "O primeiro que entrou com serpentina no Xingu, eu castro". E as guerrilhas, Orlando? "Nunca ouvi nem boato de que existam guerrilhas por lá".

PRESERVAÇÃO DO INDÍGENA

Outra coisa que faz Orlando rir é o passeio dos índios em São Paulo, no Quarto Centenário. Os selvagens eram atração. Onde o ônibus parava, o povo ficava em volta. Maricá, um indio velho, sério, só olhava para cima. Um indiozinho chamou-lhe a atenção. "Maricá, então

olhando pra gente. Olhe pra eles". Maricá respondeu: "Gente, eu vejo sempre. Casa em cima da outra não". E continuou olhando para cima.

"Continuam chegando conhecidos na casa de Orlando. Já hora de terminar a entrevista. Antes que eu saia, ele completa: "Fomos os quatro irmãos para o Xingu. Leonardo morreu lá. O posto é em sua homenagem. Nossa vontade em participar da expedição 'Roncador' era tão grande, que nos registramos como analfabetos para fazer serviços braçais. Eu e Claudio desatolavamos roda de avião. Passamos nossa infância em Botucatu. Pensando bem, e tá na hora de fazer uma visita à cidade".

Tchau, Orlando. "Tchau. Olha, se precisar de alguma coisa, estou aqui até a boca do noite". "Vou saindo. Luce: aproxima-se e diz baixinho: "Aqui ele é diferente. No Xingu, Orlando se integra aos índios. Se ele perder o Xingu, perde a razão de viver. Está numa campanha de preservação da raça indígena. Ainda bem que as universidades de São Paulo, do Brasil e de Brasília também estão ajudando".

Já na rua, ele completa: "Sabe. O Orlando tem cinquenta e três anos. Mas nunca perdeu pureza de menino".